



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**SÁTIRA: GÊNERO LITERÁRIO COMO INSTRUMENTO DE ATAQUE NOS  
JORNAIS PORNOGRÁFICOS DOS SÉCULOS XIX E XX**

**Nome: Marcio Lima da Silva**

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo

**Recife**

**Ano 2021**

**ARTIGO/RELATO - NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE  
CONCLUSÃO DE CURSO - LETRAS EAD UFRPE**

**SÁTIRA: GÊNERO LITERÁRIO COMO INSTRUMENTO DE ATAQUE NOS JORNAIS  
PORNOGRÁFICOS DOS SÉCULOS XIX E XX**

*Marcio Lima da Silva*  
*Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
marcio007@outlook.com

*Natanael Duarte de Azevedo (orientador)*  
*Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
natanael.azevedo@ufrpe.br

**RESUMO.** A origem deste trabalho advém dos estudos que vêm sendo realizados no grupo de pesquisa, coordenado pelo professor Natanael Duarte de Azevedo, que analisa a circulação de literatura em impressos de fins do século XIX e começo do século XX. Partimos do pressuposto que a sátira é um gênero literário e tem como característica principal e prevalente a ironia e o sarcasmo. Embora nem sempre ela objetiva induzir ao riso, trata-se portanto, de uma crítica social feita às pessoas e aos seus costumes de maneira cômica e é utilizada para criticar principalmente políticos, artistas e pessoas de relevância social. Propomo-nos ainda, a analisar a construção da alegoria e da sátira como elementos fundantes da pornografia no jornal pornográfico *O Riso* (1911-1912), mais pontualmente no romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo”, publicado semanalmente no periódico entre maio de 1911 a maio de 1912. Procuramos evidenciar como os editores do jornal *O Riso* estruturaram uma realidade síncrona a partir do discurso alegórico e satírico, tendo a pornografia como mote, com o objetivo de trazer à tona críticas à recém-nascida república brasileira. Sendo assim, utilizaremos como arcabouço teórico-metodológico no desenvolvimento dessa investigação Azevedo (2015) e El Far (2004) no que tange ao percurso da literatura pornográfica, como também Miskolci (2012) acerca do contexto político social brasileiro em fins do século XIX e começo do século XX. Aliado às concepções apresentadas discutiremos questões relativas à construção não sistemática do conceito de sátira pela ótica de Brummack (1971) e Schiller (1991). Ainda como aporte teórico é substancial, no que diz respeito à História Cultural, os postulados de Chartier (2002) para a concretização da presente investigação. Logo, pretendemos situar a

pornografia enquanto categoria de análise em seu tempo e espaço de produção para, dessa forma, trazer, à luz da historiografia literária, narrativas silenciadas pela censura moral.

**Palavras-chave:** Sátira. Crítica social. Pornografia.

**ABSTRACT.** The origin of this work comes from the studies that have been carried out in the research group coordinated by Professor Natanael Duarte de Azevedo who analyzes the circulation of literature in printed material from the late 19th and early 20th centuries. We assume that satire is a literary genre and has irony and sarcasm as its main and prevalent characteristic. Although it does not always aim to induce laughter, it is, therefore, a social criticism made of people and their customs in a comical way and is used to criticize mainly politicians, artists and people of social relevance. We also propose to analyze the construction of allegory and satire as founding elements of pornography in the pornographic newspaper *O Riso* (1911-1912), more punctually in the serial novel “*As Aventuras do Rei Pausolo*”, published weekly in the periodical between May of 1911 to May 1912. We tried to show how the editors of the newspaper *O Riso* structured a synchronous reality based on allegorical and satirical discourse, with pornography as a motto, with the objective of bringing criticism to the newborn Brazilian republic. Therefore, we will use as a theoretical and methodological framework in the development of this investigation Azevedo (2015) and El Far (2004) with regard to the course of pornographic literature, as well as Miskolci (2012) about the Brazilian social political context at the end of the 19th century and beginning of the 20th century. Allied to the presented concepts, we will discuss issues related to the non-systematic construction of the concept of satire from the perspective of Brummack (1971) and Schiller (1991). Still as a theoretical contribution, it is substantial, with regard to Cultural History, the postulates of Chartier (2002) for the realization of the present investigation. Therefore, we intend to place pornography as a category of analysis in its time and space of production, thus bringing to light literary historiography narratives silenced by moral censorship.

## 1. INTRODUÇÃO

A Sátira é um gênero literário e tem como característica principal e prevalente a ironia e o sarcasmo. Embora nem sempre ela objetiva induzir ao riso, trata-se portanto, de uma crítica social feita às pessoas e aos seus costumes de maneira cômica e é utilizada para criticar principalmente políticos, artistas e pessoas de relevância social. Ao estudar certos motivos da tradição da injúria e do escárnio dos escritores, observei que parece existir uma espécie de “grande convenção satírica”, um repertório de temas, motivos e procedimentos que a cada época entram em cena para expor ao ridículo personagens da vida pública, como forma de liberar as insatisfações

de um grupo social frente a situações sentidas como opressivas e ou autoritárias. (MENDES, 1996, p. 242). Existe divergência no que se refere à origem da sátira. A intenção de crítica social aparece até mesmo em desenhos da pré-história.

A partir de um modelo teórico-metodológico que transita entre a narrativa e a linguagem audiovisual, procura-se revelar os lugares de fala e as formas de tratamento empregadas sobre o tema e seus personagens. Ao mesmo tempo, busca-se identificar os elementos de uma crítica às instituições, aos agentes e às ideias em jogo por meio da politização do riso e de uma compreensão do debate público e político sob o prisma do humor. No entanto, apenas essa vingança grupal não consegue explicar o deleite cômico nos casos em que o alvo do ataque é um desafeto pessoal do satirista; e é fato que o público obtém prazer dessas polêmicas particulares desde que a agressão esteja submetida às regras do jogo cômico, do qual participam a fantasia, a comicidade e o exagero.

A pornografia como mote teve sua trajetória reduzida à categoria menor no campo das letras, sobretudo em fins do século XIX e começo do século XX no Brasil. O país passava pela transição de Monarquia à República, tendo em vista que ambos os regimes político-econômicos eram de cunho autoritarista e purista, logo constatamos que as páginas de sensações continuavam na opacidade, como sinalizou El Far (2004). Ou seja, a ideia desenvolvimentista desse processo transicional não abrangeu as noções de sexualidade, e conseqüentemente a produção e circulação dos textos pornográficos continuava melindrosa. Assim, a tal república construída a partir de discursos heroicos e nacionalistas na verdade almejava um status de nação civilizada aos moldes higienistas e positivistas europeus, pautada em uma total eugenia dos supostos degenerados da nação.

Neste sentido, ressaltamos que a escolha do nosso objeto de estudo versa pela necessidade de desmistificar, ainda no século XXI, a noção menor atrelada à pornografia enquanto categoria literária. Isso porque no âmbito letrado ainda há

uma certa dificuldade, em especial, nos estudos da Literatura, para teorizar ou construir proposições de análises de obras que carregam em si o estigma de literatura menor e/ou inferior por tratar de temas que envolvem a sexualidade explícita. (AZEVEDO, 2015, p. 32).

Para além, traremos à tona as nuances políticas do momento de circulação dos jornais pornográficos no Brasil em fins do século XIX e começo do século XX, tendo como principal eixo a ótica satírica.

Traremos como destaque de nossa análise literária a construção alegórica dos discursos que circulavam nos textos pornográficos investigados, levando em consideração seu viés satírico como instrumento de ataque aos desmandos militarista na recém-nascida República brasileira. Pontuamos, também, que o discurso alegórico se constitui como elemento fundante dos jornais pornográficos de fins do século XIX e início do século XX, pois é por meio dele que os editores desses jornais construíam uma “realidade paralela”, a qual denunciavam, de maneira escarnecida, as mazelas sociais finisseculares.

De início, trabalharemos como o jornal *O Riso*, que circulou entre maio de 1911 a novembro de 1912, com publicações semanais, tendo oitenta números publicados, o que se pode considerar uma longa vida para periódicos pornográficos naquele período. Logo, entendemos que se faz necessário um delineamento objetivo do nosso *corpus*, visando uma melhor sistematização da análise proposta para o projeto. Por isso, nos debruçaremos mais especificamente na investigação do romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo - Romance Jovial”, este que circulou entre maio de 1911 a maio de 1912 nas páginas do jornal *O Riso*, o que também consideramos um período longínquo para um romance folhetim com circulação semanal em fins do século XIX.

Justifico a escolha do romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo - Romance Jovial” pela sua representação alegórica e satírica do momento político-social do Brasil no fim do século XIX e começo do século XX, visto que no romance são feitas críticas ferrenhas, implícitas, à governança do Marechal Hermes da Fonseca, o que demonstra o posicionamento contrário do jornal *O Riso* em relação ao presidente vigente.

Ligado a isso, destacamos que o romance é de origem francesa, sem indicações da tradução para o português. Essa era uma prática comum no período aqui analisado, seja para evitar problemas com a polícia – por se tratar de uma obra pornográfica – seja para evitar perseguições políticas. A leitura da relação pornografia – crítica ao Marechal Hermes – com a política é uma possibilidade de observação que

empreendemos, uma vez que pela produção de sentido na tradução feita pelos editores há margem a essa interpretação.

Ainda sobre a censura a textos pornográficos enfatizamos que ela era tanto de cunho moral quanto de cunho legal, pois o “final de século XIX e início do XX, foi marcado pela censura policial e médica em torno da discussão acerca da sexualidade.” (AZEVEDO, 2015, p. 113), e por isso há nos textos pornográficos inúmeras estratégias discursivas e literárias para driblar o controle vigente. A mais utilizada no romance folhetim analisado é a sátira.

Apesar de haver um controle do governo, muitas vezes as arestas eram afrouxadas, já que os polícias, em geral, faziam vistas grossas à circulação dos livros pornográficos. Sendo assim, a censura mais latente era na realidade a moral, isso devido à força dos preceitos religiosos da época.

Mesmo não havendo uma lei explícita que punisse os responsáveis pela circulação de material pornográfico e os compradores de material “proibido”, El Far (2007. p. 289) destaca que “o Código Penal Republicano (1891), por sua vez, não fazia menção explícita à produção e disseminação de obras pornográficas, limitando-se, de modo genérico, a punir possíveis atentados ao pudor e ofensas públicas”, mas a censura pelo viés da moralidade era frequente pois, a influência do catolicismo português ainda era muito forte no Brasil, fato esse que marca o século XIX como o período mais “hipócrita” da história brasileira AZEVEDO, 2015, p. 114).

Por isso, é necessário refletir sobre o papel do literato, assim como do historiador da literatura, ao se deparar com narrativas silenciadas pela historiografia, sobretudo, com relação aos textos pornográficos da Era Vitoriana<sup>1</sup>. Devido à vasta influência de países como França e Inglaterra no modo de vida ocidental a Era Vitoriana atingiu fortemente a maneira de pensar e o comportamento do povo brasileiro em meados do século XIX e início do XX, visto que esses países eram vistos como protótipo de desenvolvimento e berço da beleza e da civilidade.

---

<sup>1</sup> O período vitoriano, como ficou conhecido um hiato de tempo que abarcou quase completamente o século XIX, recebe essa denominação devido ao longo reinado da Rainha Vitória. A Era Vitoriana foi, antes de tudo, um período de enormes contradições. Ao lado dos grandes progressos técnicos e industriais, assiste-se a um triste espetáculo de doenças, violência e morte. Foi também um período quando se exerceu um forte controle sobre o comportamento sexual de homens e mulheres. Mais especialmente sobre as mulheres. Apesar de a monarca representar a ideia de uma mulher chefe de Estado, os papéis sexuais eram rigidamente definidos. A mulher deveria reinar no lar e nele somente. A própria Vitória, triste contradição, era uma feroz defensora da submissão feminina e dos limites a serem impostos à atuação das mulheres na sociedade. Fonte: Revista Diálogos Mediterrânicos [www.dialogosmediterrânicos.com.br](http://www.dialogosmediterrânicos.com.br). Número 10 – Junho/2016.

[..] muitos dos cultores e comentadores dessa forma literária refletiram sobre o papel e responsabilidade social do literato, sobre a relação entre texto ficcional e realidade representada, sobre os próprios procedimentos de representação satírica e sobre a possibilidade de ação direta da literatura sobre a realidade. (SOETHE, 1998, p. 7)

Frisamos também que nossa preferência pelo romance folhetim se dá devido à sua significativa apropriação da pornográfica enquanto categoria literária, bem como sua longa duração nos números do periódico, o que evidencia a adesão do público leitor a narrativa.

Destaco que seguiremos aqui a perspectiva metodológica de investigação da História da Literatura aliada à História Cultural, com o objetivo de contemplar as demandas necessárias para uma análise aprofundada das narrativas pornográficas do período histórico proposto, levando em consideração seus contextos de produção, assim como sua comunidade leitora.

Ademais, entendemos que o jornal é um “bem simbólico” (BOURDIEU, 2005), o qual admite uma gama de possibilidades de representações da sociedade em que é situado. Portanto, para nós, historiadores da literatura, torna-se fundamental o diálogo íntimo com os pressupostos da História Cultural, pois ela “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Para esta pesquisa utilizaremos como arcabouço teórico-metodológico, a priori, Azevedo (2015) e El Far (2004), no que tange ao percurso da literatura pornográfica. Como também Miskolci (2012) acerca do contexto político social brasileiro em fins do século XIX e começo do século XX. Ainda como aporte teórico é substancial, no que diz respeito à História Cultural, os postulados de Chartier (2002) para a concretização da presente investigação.

Em suma, o que pretendemos aqui é trazer, à luz da historiografia da literatura, narrativas silenciadas pela censura moral, assim como fazer uma pesquisa relevante das concepções alegóricas e satíricas presentes no romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo”, a partir do espectro da literatura pornográfica enquanto categoria de análise tanto literária como social do povo brasileiro em fins do século XIX e princípio do século XX.

A partir desses pressupostos, apresentamos como **objetivo geral** de nossa pesquisa: analisar a origem da sátira e observar a pornografia por meio da representação de seu discurso e de sua relação com o meio político-social da época, uma vez que entendemos que a literatura pornográfica atua na fronteira satirizando os personagens políticos e o contexto social. Para alcançarmos o nosso objetivo geral, arquitetamos os seguintes **objetivos específicos**: 1) Analisar como o tom satírico do impresso se apropria da pornografia como categoria literária para nortear e atrair o público leitor nos ataques políticos; 2) Perceber como na sátira a pornografia se instaura como elemento constitutivo do ataque (in)direto, ou seja, como “pano de fundo” a pornografia e como intenção fim a crítica político-social; 3) Analisar os dados observados à luz da História da Leitura e da História Cultural.

A **metodologia** utilizada teve como ação inicial a investigação a partir do nosso interesse enquanto grupo de estudos, coordenado pelo professor Natanael Duarte de Azevedo, pelas produções literárias que circularam nos fins do século XIX e começo do século XX. Tendo em vista que a nossa categoria de análise é a pornografia encontramos nesse cenário uma vasta produção de narrativas pornográficas, as quais eram consumidas em larga escala pela comunidade leitora do período, o que propicia circunstâncias proveitosas para esta investigação.

Assim, após o despertar para esse campo preterido das Letras, fomos em busca de compreender com nitidez nosso objeto de estudo. Por isso, houve uma pesquisa prévia em documentos científicos e literários à luz do que foi posto pela historiografia acerca da literatura pornográfica do período o qual nos dispomos a investigar. Então, recorreremos principalmente ao site da Biblioteca Nacional, mais especificamente na hemeroteca<sup>2</sup>, onde encontramos exemplares de alguns periódicos pornográficos, os quais deram suporte à nossa compreensão sobre a circulação de jornais pornográficos no século XIX.

Após averiguar as várias fontes, selecionamos o jornal *O Riso*, visto que ele teve notória representação no que tange à circulação de narrativas pornográficas no começo do século XX. Dada a natureza de nossa pesquisa ressaltamos a dificuldade para a aquisição de materiais de análise, com isso conseguimos obter os exemplares

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12/11/2020.



de *O Riso* com o auxílio de nosso orientador, já que o jornal foi o corpus de sua tese de doutoramento.

Nessa guisa, tomaremos as edições do jornal *O Riso* como fontes documentais, isto é, o “material da época estudada”, segundo Martins (2005, p. 310), e o romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo” como “objeto” e “resultados de práticas culturais de um tempo e de uma época, que circulavam em determinados suportes e eram produzidos e consumidos por certa comunidade” (BARBOSA, 2014, p. 14).

No que circunda este plano de trabalho destacaremos o caráter alegórico e satírico da literatura pornográfica encontrada no jornal, mais pontualmente no romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo” (1911 – 1912). Para isso, nos dedicamos, de início, à leitura do romance com o objetivo de observar como a pornografia e a crítica social são colocadas no decorrer da narrativa. Feito isso partimos para o trabalho bibliográfico, analisando como as teorias trabalhadas nas discussões acerca da pornografia como categoria literária, voltadas as pesquisas no campo da história da literatura dialogavam com o *corpus* pretendido.

Logo, para uma melhor sistematização do primeiro momento da investigação subdividimos as etapas de desenvolvimento da pesquisa em: 1) pesquisa documental para o levantamento de dados acerca do jornal/romance de folhetim em questão; 2) reunião do arcabouço bibliográfico para um melhor endossamento teórico-metodológico; 3) além do aprofundamento e aplicação das teorias previamente estabelecidas para a análise do objeto de estudo.

Como catalisador para a organização da presente investigação e facilitador para o(a) leitor(a) construímos um quadro ilustrativo, o qual exhibe, de maneira didática, as subdivisões do romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo”. Este que se divide em quatro livros, subdivididos em diversos capítulos.

Quadro 1: catalogação do objeto de estudo

LIVRO PRIMEIRO	LIVRO SEGUNDO	LIVRO TERCEIRO	LIVRO QUARTO
Capítulo I “Como o Rei Pausolo conheceu pela primeira vez as vicissitudes da vida”	Capítulo I “Como a branca Alina fugiu”	Capítulo I “O harem revoltado”	Capítulo I “Diana conta um sonho e Thierrette expõe suas ambições”
Capítulo II “Em que se	Capítulo II “Pausolo vai em busca	Capítulo II “Gilles e a família	Capítulo II “Philis é levada para

<i>apresenta o rei Pausolo, seu harem, seu Grande Eunuccho e seu palácio.”</i>	<i>da Princeza”</i>	<i>Lebirbe “</i>	<i>harem”</i>
<i>Capítulo III “Em que se descreve a branca Alina”</i>	<i>Capítulo III “A fonte das Nymphas - Pausolo vae em busca da Princeza”</i>	<i>Capítulo III “Descoberta de um crime”</i>	<i>Capítulo III “Philis fala, escuta e aprende”</i>
<i>Capítulo IV “Como o Rei Pausolo entrou no palácio e o que achou prudente fazer”</i>	<i>Capítulo IV “Pausolo e seus dois secretários cavalgam pela estrada”</i>	<i>Capítulo IV “Gilles apresenta-se ao Rei”</i>	<i>Capítulo IV “Taxis torna-se conhecedor da verdade.”</i>
<i>Capítulo V “O Rei é aconselhado pelas mulheres do harem”</i>	<i>Capítulo V “Alina e Mirabella preparam-se para a fuga”</i>	<i>Capítulo V “Pausolo cita as virtudes de cada um”</i>	<i>Capítulo V “Pausolo é recebido pelo povo da Tryphemia”</i>
<i>Capítulo VI “O rei Pausolo e Diana são surpreendidos pelo Eunuccho”</i>	<i>Capítulo VI “A comitiva real encontra um alfinete na estrada”</i>	<i>Capítulo VI “Mr. Lebirbe Pausolo divergem em opiniões”</i>	<i>Capítulo VI “O Rei passeia pela Capital”</i>
<i>Capítulo VII “Taxis relata a Pausolo os acontecimentos”</i>	<i>Capítulo VII “Gilles depois de varias aventuras ccnsegue descobrir o paradeiro da Branca Alina”</i>	<i>Capítulo VII “Revelações sobre a França”</i>	<i>Capítulo VII “Alina e Mirabella aparecem”</i>
<i>Capítulo VIII “Pausolo resolve buscar a Princeza”</i>	<i>Capítulo VIII “Alina e Mirabella tomam hospedagem em um hotel da aldeia.”</i>	<i>Capítulo VIII “Taxis fala a respeito de Thierrete, censurando o procedimento de Gilles”</i>	<i>Capítulo VIII “Os acontecimentos precipitam-se”</i>
-	<i>Capítulo IX “Pausolo entrega-se á fantasia.”</i>	<i>Capítulo IX “Os deveres da hospitalidade segundo a interpretação de Gilles”</i>	<i>Capítulo IX “Gilles torna-se apaixonado”</i>
-	<i>Capítulo X “Gilles penetra no quarto onde se achavam as duas amigas”</i>	<i>Capítulo X “Melle. Lebirbe e Gilles entram em apreciações de factos passados.”</i>	<i>Capítulo X “Na União Tryphemiana para a Salvação da Infância”</i>

-	-	Capítulo XI "Pausolo e Diana conversam intimamente"	-
---	---	--	---

Fonte: "As Aventuras do Rei Pausolo" (1911 – 1912)

Reiteramos que o eixo temático deste estudo é a pornografia, uma vez que ela funciona como chamariz do público leitor, pois a erotização aguça os desejos libertinos dos(as) leitores(as). Com isso, destacamos que a pornografia, no jornal *O Riso*, funcionava, também, como catalisadora e disseminadora de discursos políticos. Isso porque que o desejo, em si, se faz político, e através dele preceitos e valores morais são construídos, desembocando muitas vezes em políticas identitárias individuais e coletivas, o ideário de nação, a exemplo. Portanto "o sexo era visto como o meio crucial para a reprodução social e seu futuro." (MISKOLCI, 2012, p. 43).

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciaremos a discussão acerca das narrativas pornográficas oitocentistas situando o leitor sobre o enredo do romance de folhetim selecionado, pois foi através da familiarização com a história que desenvolvemos nossa pesquisa. *A priori*, no Livro Primeiro, nos é apresentado o espaço em que ocorre a narrativa, o reino de Tryphemia, o qual "não figura nos encyclopedios, contra ella se armou a conspiração do silencio, para afastar os viajantes dessa terra encantadora" (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, Num. 1, Anno I, p. 14). A primeira chave de leitura a ser colocada encontra-se na relação intrínseca entre as características do reino e a figura do Rei Pausolo, monarca "libertino" que entende a busca pelo prazer como um direito a ser garantido pelo Estado. Assim, tal inversão de valores morais explica a necessidade da supressão nos *encyclopedios* e o silêncio geográfico desse espaço alegórico.

Logo de início também temos contato com a "constituição" de Tryphemia,

### *Código de Tryphemia*

Art. 1 Não incomodes teus vizinhos.

Art. 2. Bem entendido o primeiro artigo, cada qual pode fazer o que quiser.

Art. 3 Revogam-se as disposições em contrário. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, Num. 1, Anno I, p. 14).

A leitura do Código de Tryphemia nos permite relacionar a realidade palpável à realidade alegórica, uma vez que esse manual remete, tendo em vista a inversão dos valores morais, ao contexto político brasileiro da segunda década do século XX, pois “O ideal de nacional que se forma durante a decadência do Império e se consolida nas primeiras décadas da República se assenta na constituição, em termos foucaultianos, de um Estado biopolítico” (MISKOLCI, 2012, p. 41). Assim, respaldado pela lei o Marechal Hermes da Fonseca comete seus mandos e desmandos na recente república dos trópicos.

Através do código tryphemiano ainda podemos presumir algumas das características marcantes do Rei Pausolo, também destacadas no início da narrativa “De ha muito o rei Pausolo descobrira em si trez hábitos e um defeito de character. Os hábitos eram a preguiça, o prazer e a beneficência.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 01/06/1911, Num. 2, Anno I, p. 15).

Há também um considerável defeito de caráter do rei sinalizado pelo narrador, o qual será vertical durante todo o prolongar-se da história.

Seu defeito de character, que terá nesta narração importância extraordinária, era uma irresolução exemplar e geral, de que elle não se queixava, porque ella por si só produzia uma sensualidade superior á paz de sua vadiação. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 01/06/1911, Num. 2, Anno I, p. 15).

Esse “defeito” de Pausolo é constatado pela sistemática do seu harém, dado que para não se ver encurralado pela indecisão o rei reduzir o número de mulheres de acordo com a quantidade de dias do ano “Um dia, estabeleceu uma regra que o punha ao abrigo de tal preocupação, reduziu a trezentos e sessenta e cinco o numero de mulheres” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 07/06/1911, Num. 3, Anno I, p. 15).

Destacamos, ainda no Livro Primeiro, a delineação de personagens importantes para o desenrolar do enredo: a princesa Alina – filha do Rei Pausolo e fugitiva; Taxis – o grande eunuco e ferrenho defensor da moral e dos bons costumes; Diana – uma das esposas do harém de Pausolo, a qual se destaca, pois é a personagem desse nicho que mais é evidenciada durante o enredo; e Gilles – o pajem esperto, oportunista e nitidamente afrancesado.

Ainda no Livro Primeiro nos é apresentada a complicação<sup>3</sup> do enredo, a fuga da princesa Alina, a qual surpreende a todos durante a seção jurídica de Pausolo, fazendo com que o rei se veja compelido a encerrá-la. A problemática da fuga da princesa funciona como mote para o desenvolvimento da história, já que é durante a busca por ela que se dão a maioria das cenas pornográficas.

De modo geral, o Livro Primeiro tem a função de apresentar ao leitor(a) características importantes dos personagens, do espaço, bem como fatos relevantes para o correr da narrativa.

Já no início do Livro Segundo nos é contada a fuga da princesa Alina, esta que para surpresa do leitor escapa não com um rapaz, mas sim com uma garota, Mademoiselle Mirabella, dançarina de uma companhia francesa, cuja ao julgo do rei não representava perigo à princesa, já que o grupo que a dançarina fazia parte encenava uma pantomima<sup>4</sup> e não uma comédia,

Pausolo entendia que devia começar a educação theatral de sua filha por uma pantomima, que, para elle, era menos perigosa que uma comedia; impressionava menos. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 20/07/1911, Num. 9, Anno I, p. 19).

No que diz respeito ao cômico, enquanto representação do gênero teatral destacada pelo narrador do romance, entendemos que há um tom de perjúrio, visto que o riso está associado a valores “baixos”, ou seja, a essência animalesca humana.

O cômico tem seu lugar garantido ao abrigar a lógica da complexidade: ideias que parecem incoerentes ou absurdas, o duplo sentido, o erro, a irracionalidade. Ele se caracteriza por colocar-se à margem da sociedade, questionando a estrutura da ordem social, tratando do reprimido, ligando o homem à sua essência e à sua condição. (MASETTI, 1998: p. 2).

Mirabella é representada a partir de estereótipos masculinos, o que chama a atenção da princesa “No meio de tudo aquillo a' Princeza só via uma coisa: que um bello rapaz (que parecia orna mulher vestida de Príncipe Encantado)” (*O Riso*, Rio de

---

<sup>3</sup> **Complicação:** é a parte do **enredo** em que as ações e os conflitos são desenvolvidos, conduzindo o **enredo** ao clímax. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/21611926>. Acesso em: 04/02/2021.

<sup>4</sup> A pantomima é uma representação teatral, encenada desde a Roma antiga, a qual se desdobra exclusivamente através de gestos, expressões faciais e movimentos, tendo um viés dramático. Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/artes/resumo-sobre-representacao-teatral-pantomima/>. Acesso em: 04/02/2021.

Janeiro, 20/07/1911, Num. 9, Anno I, p. 19). Essa relação entre mulheres não era incomum aos relatos pornográficos, pois a iniciação sexual feminina feita por uma outra mulher chamava a atenção do público leitor e, conseqüentemente, aumentava o lucro dos livreiros.

Inferimos que essa construção da narrativa se justifica por dois motivos principais: primeiro, como era de costume no fim de século XIX, casos sexuais que envolviam mulheres na descoberta e/ou orientações do sexo atraíam muitos leitores (é o caso, por exemplo, do sucesso de público do romance *As histórias de cada uma* que mencionamos no início de tese). A temática pornográfica de jovens donzelas que eram iniciadas por mulheres mais experientes nas artes do sexo serviu de mote para grandes obras pornográfica, pois era garantia de público. Segundo, e talvez o motivo principal, era uma boa estratégia dos editores do jornal *O Riso*, garantindo a compra de mais números do impresso. (AZEVEDO, 2015, p. 193)

Outro ponto a ser salientado sobre a relação entre Alina e Mirabella é a nomenclatura dada a estas pelos escritores: “Amigas”. Isso ocorria devia ao tabu, ou fantasia sexual, vinculado à lesbianidade nos séculos XIX e XX. Tal eufemismo também estava associado ao cerceamento do prazer feminino, o qual era embasado pela perspectiva científica da época e reiterado como elemento social. Como mostra El Far:

Viveiros de Castro, conhecido professor de direito criminal, em *Atentados ao pudor*, defendia um argumento semelhante. Na sua perspectiva, determinadas obras despertavam nas mulheres “curiosidades terríveis”. Para exemplificar seu pensamento, o jurista justificava a proliferação do lesbianismo nas sociedades modernas por meio do ensaio de descrições imorais contidas em certos livros. “Duas amigas”, contava Viveiros, “se encontram, falam do romance que ambas leram, experimentam ao vivo a sensação que o escritor tão ardentemente escreveu, gostam do ensaio, transmitem adiante a descoberta”, iniciando outras em segredo. (EL FAR, 2004, p.185)

Ainda no Livro Segundo, o Rei Pausolo decide ir em buscar da Princesa Alina, para isso ele conta com o apoio de Taxis, o dedicado eunuco, e Gilles, o pajem recém promovido à confiança do rei. Devido a essa promoção e a simpatia do rei pelo pajem, constituída a partir de um episódio pornográfico, Taxis se vê ameaçado e questiona Pausolo sobre sua posição. Então, posto seu defeito de caráter, o rei nomeia os dois serviçais a comandantes da busca pela princesa, reversando o posto entre turnos diários, doze horas para cada um deles, causando tumulto tanto na relação entre Gilles e Taxis, quanto na missão da busca pela princesa.

No fim do Livro Segundo já nos é indicada a diretriz do Livro Terceiro, pois no último capítulo Gilles envia quarenta homens para violarem Thierrette, uma jovem leiteira seduzida pelo pajem em suas andanças em busca da princesa, tal ato é gratuito e visto por Gilles como uma maneira de se redimir com a jovem pela sua ausência no encontro entre eles. Podemos dizer que no Livro Terceiro episódios de violência são frequentes, além dessa cena, logo no início do livro, há também a revolta do harém do Rei Pausolo, deflagrada pela possibilidade de adultério cometida pelo rei com uma nova jovem, esta confusão também é causada pela ausência do eunuco Taxis, visto pelas rainhas como um tirano.

Em suas andanças, a comitiva real constata a tese de Gilles: o rei é bastante amado pelo seu povo, tanto que durante o turno do pajem os guardas são dispensando, o que em cenas seguintes causará aborrecimento ao rei. Ainda como prova da admiração do povo pelo rei Gilles é abordado e convidado, juntamente com a comitiva real, a se hospedarem na casa de um representante político da comunidade “Ora, muito bem. Sou Sr. Lebirbe, presidente da *Liga contra a liberdade dos interiores*, reconhecida como de utilidade pública por uma ordem real datada de 10 de Julho de 1899.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 28/09/1911, Num. 19, Anno I, p. 20).

A *Liga contra a liberdade dos interiores* será relevante para o entendimento das relações políticas dentro da narrativa, bem como seu caráter alegórico para nossa investigação, visto que ela representa um tipo de organização que preza pela nudez feminina em Tryphemia, nudez esta vista como elemento cultural da comunidade e ameaçada por novos ideais morais disseminados. A partir desse entendimento fica nítida a relação feita com o contexto político do Brasil, uma vez que a *Liga contra a liberdade dos interiores* é uma alegoria dos apoiadores da monarquia, assim como os ideais morais puritanos representam a chegada da república e de uma suposta modernidade.

Adiante, já instalados na residência da família Lebirbe, Gilles mais uma vez demonstra seu feitio pela sedução de donzelas inocentes e sua predisposição ao crime. Isso porque, durante a estadia da comitiva real o pajem seduz as duas filhas do Sr. Lebirbe, Philis e Galatéia. Philis, a mais nova, é deflorada, Galatéia, a mais velha, é aliciada a vender seu corpo em um prostíbulo para alcançar os prazeres até então não

permitidos pela família. As atitudes do pajem pioram ainda mais sua relação conflituosa com Taxis, que durante o Livro Terceiro acusa veementemente Gilles por seus inúmeros crimes.

Logo, o Livro Terceiro nos é apresentado de maneira distinta dos outros livros que o antecedem, já que nele os conflitos são acentuados e atitudes violentas são colocadas. Isso se explica pelo fato de que aqui chegamos ao clímax da narrativa, momento em que as problemáticas são proeminentes e direcionam as possibilidades de desfecho.

No quarto e último livro do romance, como esperado, há a resolução dos conflitos colocados no decorrer da narrativa. O primeiro deles é a volta de Thierrette, com olhos fadigados, no entanto feliz por alcançar Gilles e pode-lhe agradecer pelo episódio com os guardas, pois devido a ele poderá alcançar um cargo na corte e se livrar do patrão que a persegue.

— Senhor, tenho sido perseguida pelo meu patrão. Despediu-me e accusa-me de varias faltas que não commeti. Vejo-me desempregada, tenho em minha bolsai apenas a insignificante quantia de seis franco.  
— Mas. minha pobre Thierrette, nada tenho para offerecer-te.  
Oh .. . Ha um cargo que me serve... esses senhor não têm vivandeira . O serviço é forte, não digo o contrario... mas ficaria .bastante satisfeita se exercesse esse cargo. . .Faria o que me fosse possível. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 02/1912, Num. 38, Anno II, p. 17)

Outra resolução diz respeito às rainhas do harém e a falta delas em relação ao rei. Em uma conversa com o Rei Pausolo a Rainha Diana fala sobre a solidão de suas companheiras do harém e o convence a repensar sobre a situação de suas rainhas.

Entendo que obrigando essas raparigas a uma continência absoluta durante quase toda a sua adolescência, faço com que comprem por preço muito elevada as satisfações que lhes poderão dar o título de Rainha. É contra a natureza, e já consultei a mim mesmo se não seria uma boa medida deixar os pajens penetrarem nos compartimentos destinados às Rainhas e deixá-los agir como entenderem... Não resolvi por completo essa ideia, prém de hoje em diante será irrevogável. Tenho certeza que me darão sérios cuidados, porém resignante em ver que dou um pouco de alegria as pobres cativas que vivem em torno de mim... (*O Riso*, Rio de Janeiro, 18/01/1912, Num. 35, Anno II, p. 17).



Além do impasse com as rainhas Pausolo também se compadece com a fuga da filha mais velha do Sr. Lebirbe e decide desposar sua filha mais nova, Philis, como forma de agradecimento pela hospitalidade do anfitrião.

O Rei não sabendo como consolar seu hospedeiro após a fuga de Galatéia, e conhecendo que a vaidade desempenha uma grande influência sobre o afeto de cada um, e para suavizar os males de Mr. Lebirbe, participou-lhe que tinha resolvido levar-lhe a filha para o harém e juntá-la com as outras Rainhas. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 08/02/1912, Num. 38, Anno II, p. 17).

Encaminhamo-nos agora para o último e mais esperado desfecho da trama: a volta da princesa Alina. O regresso da princesa ocorre em partes, uma vez que podemos enumerar, desde o começo do romance, os esforços empreendidos para isso; de primeiro ocorreram as investigações do eunuco Taxis, as quais não obtiveram muito sucesso; em seguida houve o ingresso do pajem Gilles para a empreitada em busca de Alina, o que provocou conflitos, cenas de abuso e posteriormente expressiva influencia na resolução da problemática; outro ponto de articulação para o desfecho foi a fuga de Galatéia, já que em sua estadia no prostíbulo ela conhece Mirabella, se apaixona pela dançarina e com o objetivo de viver sua paixão ajuda Gilles a recuperar a princesa.

O Livro Quarto, em sua maioria, traz a passagem de Pausolo pela cidade de Tryphemia em busca de sua filha e também a calorosa recepção de seus súditos, como podemos observar no trecho abaixo:

Pausolo prosseguiu em seu passeio, há trou nos ateliers, nas lojas, nos hangars etc, interrogou vários vagabundos que dormiam ao longo das paredes, onde teve ocasião de apertar diversas mãos e ver rostos risonhos. Ninguém se queixava do governo. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 11/04/1912, Num. 47, Anno II, p. 16).

Como dito a figura de Gilles tem significativa importância para o regresso da princesa ao palácio, pois ainda no intermédio do romance Gilles encontra as “amigas”, entretanto não as leva ao rei, mas as ajuda a fugir novamente. Nesse momento não nos aparece coerente a atitude do pajem, porém ao chegar ao desenlace da história conseguimos entender as intenções do cavalheiro francês.

Dessa forma, ao ser descoberto o recente paradeiro de Alina pelo chefe de segurança do Rei Pausolo, o pajem Gilles toma conhecimento da informação e adianta-

se ao seu encontro. Com a ajuda de Galatéia o rapaz fica à espreita esperando a ausência de Mirabella para então entrar nos aposentos da princesa e arrematar sua sedução.

Alina estava completamente entregue aos seus desejos e sua pequenina 18ros sempre prompta para os beijos. Gilles nada dizia. Uma grande 18rosseg o havia dominado.

—Que tendes? Perguntou a Princeza.

—Amo-vos.

—Também vos amo, Gilles; amo-vos com sinceridade. Não imaginais como me sinto feliz por confessar meu amor.

—Há muito tempo que vos amo. Ignoraveis, não é ?

—Há muito tempo ? repetiu Alina. Amais-me há muito tempo ? Mas não tinha percebido...

—Há três 18ros que vs amo, disse o pagem suspirando.

—E nunca m'ó dissestes. —Faltava-me coragem... Alina olhava-o com ternura. Gilles prosseguiu :

—Não me acreditais ?

—Oh ! acredito !

—Fiz uns versos e vol-os offereci.

—Versos? Sois poeta? Como eu gosto de versos ! Referiam-se a mim ? (*O Riso*, Rio de Janeiro, 23/05/1912, Num. 53, Anno II, p. 23).

Assim, a jovem Alina se entrega aos desejos direcionados à sua nova paixão, Gilles o forasteiro astuto. Por esse motivo a princesa desiste de sua fuga com a bela Mirabella e volta ao palácio, contudo regressa à vida monarca com uma nova postura, demonstrando sua altivez ao caminhar nua pela cidade de Tryphemia, culminando em um ultimato por liberdade ao pai.

Como para afirmar por um sinal exterior todas as liberdades que ela tinha adquirido, Alina vestiu o costume nacional da Tryphemia: o lenço de cor à cabeça e as chinelas. Deu alguns passos, orgulhosa de sua nudez simbólica, mas um pouco tímida ainda. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 30/05/1912, Num. 54, Anno II, p. 16)

Pausolo beijou-a novamente.

— Queres voltar comigo?

— Quero, papai. Mas quero também que me digas uma coisa ao ouvido.

— Que te ame não é?

— E que me darás toda a liberdade.

— Para que?

— Para provares que me ama.

Pausolo, muito comovido, olhou a filha. Por muito tempo ficou silencioso, como se uma luta profunda e penosa existisse entre os diversos conselhos de sua afeição paterna. Depois, disse, um pouco contristado: Pois bem, veremos, minha filha. Amo-te muito para te fazer mais feliz do que és. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 30/05/1912, Num. 54, Anno II, p. 16).

Feita a contextualização do romance partiremos agora para alguns pontos relevantes para nossa análise. O primeiro deles é a composição do título: “As Aventuras do Rei Pausolo – Romance Jovial”, uma vez que o título é o primeiro contato do(a) leitor(a) com o texto e por isso esse elemento possui uma boa carga de intencionalidade.

Figura 1: primeira página do romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo”



Fonte: *O Riso*, Rio de Janeiro, Num. 1, Anno I, p. 14, em 26/05/1911

Ademais, focaremos no subtítulo da narrativa (Romance Jovial), visto que em nossas pesquisas identificamos a recorrência de etimologias indicativas à faixa etária, gênero, bem como outros marcadores socioculturais na construção dos títulos e subtítulos dos romances pornográficos. No caso específico do romance folhetim “Aventuras do Rei Pausolo” o subtítulo indica uma leitura direcionada ao público jovem, que assim como o Rei Pausolo irá se deparar com as vicissitudes da vida tendo como base narrativas alheias.

Além do indicativo encontrado no subtítulo do romance destacamos também uma das terminologias usada como referência às narrativas pornográficas: romance de sensações. Ressaltamos que essa terminologia não era utilizada apenas para narrativas

com viés pornográfico, mas também para romances que despertavam percepções no que concerne à sensibilidade. Essas várias formas de dizer justificam-se devido aos textos de caráter pornográfico não se encaixarem em categorias gerais, o que entendemos hoje por narrador, espaço, tempo, muito menos havia uma crítica devidamente literária acerca desses romances, e por isso os livreiros e a comunidade leitora sentiram a necessidade de, de certa maneira, relacionar esses textos a uma categoria.

Apesar de apresentarem um estilo literário próprio, esses textos não fizeram parte de uma escola específica. Em geral, eram os editores e jornalistas, responsáveis pela divulgação de romances nos periódicos da época, que avisavam ao público sobre o caráter “sensacional” de determinada obra. Mais do que um conceito bem definido, essa expressão, de uso bastante alargado indicava estar ali um texto repleto de situações inusitadas e escrito numa linguagem vertiginosa. Em finais do século XIX, qualquer pessoa alfabetizada que visse escrito sob o título de um livro a palavra “sensação” reconheceria de imediato o teor do enredo que estava por vir. (EL FAR, 2004, p.113)

Constatamos também que algumas nomenclaturas foram dadas aos romances pornográficos, como “romances para homens”, “textos para ler com uma mão”, “romance para velhos”, entre outras, modos de dizer os quais tinham por objetivo restringir a comunidade leituras dessas obras ao público masculino, isso devido à censura moral copiosa de fins do século XIX e começo do século XX. Para El Far

Todas, sem exceção, salientavam o fato de esses textos serem direcionados exclusivamente ao público masculino, em função dos possíveis efeitos perniciosos sobre o caráter das senhoras e das moçoilas de boa família. Essa proibição. Que não se baseava nos códigos de lei, e sim nos pressupostos morais em voga, nem sempre se mostrava eficaz, graças ao espírito capitalista dos livreiros e à curiosidade das mulheres, que poderiam se apoderar de tais enredos e qualquer livraria da cidade depois de driblar os olhos vigilantes dos pais e maridos. (EL FAR, 2004, p.184).

Dessa maneira, percebe-se que o papel do historiador da literatura é entender as movimentações sociais de um determinado período através da disposição física, estética e discursiva dos textos vinculados, com o objetivo de traduzir, em linhas gerais, os valores e costumes de uma comunidade.

Por isso mesmo, o termo “literário”, quando associado a um jornal, está sempre relacionado a outra palavra. São *Políticos, Literário e Crítico*, ou *Político, Literário e Comercial*, ou *Literário, Recreativo e Noticioso*, e até *Científico, Literário e Crônico*. Do que podemos concluir que o literário une

um variado número de tendências, assuntos, ideologias, agregando, como se deduz, um grupo variado de leitores. (BARBOSA, 2007, p. 30)

Tendo em vista o papel representacional da literatura, podemos entender que o romance “As Aventuras do Rei Pausolo” traz como cerne a crítica paródica à modernidade, sobretudo à modernidade tardia dos trópicos, a qual é advinda por um golpe militarista. Isso é ilustrado devido à inversão de valores feita durante todo o romance, principalmente por delimitar como espaço uma cidade em que a liberdade e o respeito a outrem é soberana.

Justificamos o traço paródico do romance a partir da ótica bakhtiniana, visto que para o autor a paródia se insere no entrelace entre o depreciar do corpo, corpo este entendido como uma comunhão de materialismos, e a exaltação da possibilidade do novo, já que erradicando as marcas da negociação corporal com aquilo que o degenera se torna viável vislumbrar horizontes de novas perspectivas.

Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. [...] A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação. (BAKHTIN, 1987, p.19)

Essa degeneração é explícita no romance levando em consideração a figura do rei, as ações dos personagens bem como as tradições de Tryphemia, o que evidencia essa suposta degeneração como estratégia literária.

Pausolo, o pagem e o eunucho cavalgavam juntamente, em animaes que symbolisavam perfeitamente o caracter de cada um. O Rei, que collocara sobre a coroa um véo muito fino, cahido sobre a nuca, estava sentado em uma sella que era uma confortável cadeira, encimada por um pallio. Duas hastes de metal, quasi inviziveis, sustinham á altura da mio o sceptro e o globo do mundo; o globo, porém, continha a cabaça com vinho do porto e o sceptco o leque. A mola Maçaria carregava tudo isso com indifferentismo, do mesmo modo que Pausolo tratava dos negócios do paiz. Caminhava lentamente. Taxis montava o negro Kosmon, cavallo castrado, sem vícios e boçal como o são todos os cavallos. Kosmon não possuía qualidades. Comtudo, Taxis adorava-o; era um animal que lhe enchia as medidas. Emquanto os outros ficavam afogueados quando passavam perto de uma égua, Kosmon caminhava no mesmo passo como se nada tivesse acontecido. Não precisava que lhes mexessem nas rédeas para saltar uma vala ou fazer uma curva. Giglio escolheu nas cocheiras do Rei uma zebra côr de fogo. O animal chamava-se Himero; era um animal garboso e forte. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 03/08/1911, Num. 11, Anno I, p. 19).

Durante a contextualização do romance colocamos algumas vezes a noção de alegoria, cuja tem como base os pressupostos de Hansen (2006), bem como de Benjamin (1985). No que diz respeito à conceituação de Hansen não podemos falar em A alegoria, mas sim AS alegorias, uma vez que o autor divide o processo de alegorização em dois tipos distintos: a alegoria dos poetas e alegoria dos teólogos; nos deteremos à primeira.

Como determina Hansen (2006), a alegoria dos poetas, ou alegoria retórica, tem sua gênese no processo de metaforização da linguagem, ou seja, a partir do momento que o locutor enuncia A para dizer B ele acessa o que há de subjetivo na língua, incorporando significações à palavra. Desse modo, para o autor o conceito de alegoria retórica é intrínseco ao conceito de tropo, o qual tem como eixo “a transposição semântica de um signo presente para um signo ausente. [...] O estudo dos tropos é objeto da elocução, que também regula a ornamentação dos discursos na retórica antiga” (HANSEN 2006, p. 230).

A estratégia da alegorização é, praticamente, inerente ao fazer artístico, visto que ela edifica o *lócus* da figuração da linguagem. Nesse sentido, podemos dizer que a mais relevante alegoria encontrada no romance folhetim é a própria construção do espaço, isto é, da cidade de Tryphemia. Pois, é através da descrição espacial que o narrador atrela características aos personagens e elucida a mimetização da subversão da ordem do contexto político do universo referencial.

Já na discussão proposta por Benjamin acerca da alegoria, o que nos chama atenção é a delimitação histórica a partir da resignificação do próprio conceito de alegoria com base na modernidade, visto que para o autor "a alegoria é a máquina-ferramenta da Modernidade" (BENJAMIN 1985, p.143). Dessa forma, Benjamin propõe uma relação antitética entre a linguagem adâmica divina, alegorizada pelo processo de pura nomeação das coisas, e a linguagem profana, a qual cabe o signo, visto como transposição de significações respaldado pela subjetividade humana no decorrer da história.

Nessa perspectiva, Benjamin adverte sobre a necessidade de modulação histórica da alegoria, para isso ele contrapõe a noção clássica e a noção romântica da alegoria. Na primeira a alegorização está no âmbito da sintaxe, da ornamentação do discurso e da figuração da ideia; já na segunda a alegoria é vista como mecanização da

linguagem, o que vai de encontro com a prerrogativa purista essencialista da visão romântica da arte como natural. Assim, ao ponderar as perspectivas no que diz respeito à alegoria o autor coloca que o processo de alegorização está interligado à condição histórica do sujeito, este que inevitavelmente se fez fragmentado no percurso pós-edênico, assim como a linguagem.

Ressaltamos que a conceituação de Benjamin se faz presente nesse estudo devido à delimitação histórico temporal do romance folhetim, uma vez que a narrativa se situa no momento de “modernização” do Brasil. Além disso, na construção do texto podemos ver a inversão de valores cristão em detrimento da visão de mundo do sujeito moderno, verticalizada a partir de uma concepção antropocêntrica.

Lembramos ainda da presença da sátira não só no romance, mas também no seu suporte como um todo, o jornal *O Riso*, o que dialoga de maneira direta com o tom paródico da narrativa. Sendo assim, como já foi colocado “As Aventuras do Rei Pausolo” têm como categoria primária a pornográfica e a alegoria e a sátira como recursos fundantes da estética da narrativa, elementos direcionados ao achincalhamento da nova República brasileira, sistema político-econômico legitimado pela noção moderna de desenvolvimento.

Em concordância com os pensadores da sátira na modernidade entendemos a impossibilidade de defini-la em termos cartesianos, no entanto o que o romance investigado evidencia em sua estrutura é

que a face moral da sátira esteja plenamente integrada à sua face estética; e de tal modo que o aspecto moral se reflita na forma estética, e a forma se reflita no conteúdo moral da obra. (SCHILLER, 1991, p. 65).

Ainda é importante enfatizar sobre a sátira que também tem relação intrínseca com a pornografia, visto seu potencial de subversão da moral e por isso essas categorias por muito foram rebaixadas a campo menor e a noção de subliteratura. Como bem coloca Brummack, a sátira viveu seus tempos áureos, fazendo o recorte da idade moderna, durante o século XVIII quando a crítica se debruçava em discussões acerca desses recursos literários, contudo no século XIX o olhar se volta a teorias do humor, do cômico, da ironia e do chiste, e por isso “a sátira surgia como apoética e era considerada objeto de segunda categoria” (BRUMMACK, 1971, p. 328). Como acrescenta Azevedo,

A pornografia, na modernidade, diferentemente de sua utilização nas obras clássicas gregas e romanas, sempre esteve atrelada a outros fins como, por exemplo, à crítica e à provocação. Para Hunt (1999, p. 10): “Na Europa, entre 1500 e 1800, [a pornografia] era mais frequentemente um veículo que usava o sexo para chocar e criticar as autoridades políticas e religiosas”. Ou seja, ao invés de se instaurar como uma categoria literária e preestabelecer algumas normas como ocorre com as demais categorias, a pornografia servia de meio, ou melhor, de suporte, para provocar efeitos de sentido, tais como: humor, sarcasmo, agressão, destituição de valores sociais e morais etc. (AZEVEDO, 2015, p. 49).

Com a intenção de melhor compreendermos de maneira ampla a composição da sátira no romance “As Aventuras do Rei Pausolo” é preciso compreender de forma clara o contexto o qual ele foi situado. Pois, ainda havia no período de sua publicação resquícios da conturbação de ideias acerca da dual situação política do país, visto que, apesar de decadente, a monarquia ganhou espaço no imaginário popular, devido aos eventos recentes daquele momento, a exemplo a abolição da escravatura. No entanto, o fervor da república trouxe o vislumbrar do “novo”, do moderno e uma pseudo-esperança progressista e nacionalista para a provável independência, a qual em um futuro próximo concretiza-se. Para tanto, Miskolci nos apresenta ao contexto de transição do Brasil colônia imperial de Portugal ao Brasil república militarista.

Ao contrário de visões que romantizam o Império e sua ordem simbólica, considero que a decadência está associada à criação progressiva de um ideal de nação mais poderoso, em torno do qual, de formas diversas e em grau variado, uniram-se a políticos, militares e intelectuais para os embates que a conturbada e violenta década de 1890 assistiu. Se os símbolos monárquicos foram apropriados e adaptados, segundo alguns devido à sua adesão popular, isso se deu dentro de uma nova concepção política de nação que apontava para o futuro, mas com pés fincados na manutenção da ordem. (MISKOLCI, 2012, p. 33).

Logo, nos parece evidente a necessidade da elite da brasileira em sentir-se independente da coroa, já que naquele momento ser colônia era *démodé*<sup>5</sup> e a chegada da modernidade era substancial. No entanto, não apenas a monarquia era vista como obstáculo para esses grupos, mas também os degenerados da nação, ou seja, todos aqueles os quais não pertenciam aos padrões higienistas e assimilados ao ideal europeu de progresso. Assim, os anseios da nação eram pautados pela perspectiva do

---

<sup>5</sup> **Demodê** – Também vem do francês (*démodé*), e é sinônimo de fora de moda, desatualizado. Disponível em: <https://hridiomas.com.br/origem-dos-termos-que-se-referem-ao-passado/>. Acesso em: 05/01/2021.



darwinismo social<sup>6</sup>, a qual teve influência direta na estrutura das relações sexuais e afetivas dos indivíduos. Ou seja, “O ideal de uma nação civilizada exigia formas de defesa que apontavam para a educação do desejo, seu controle e agenciamento de forma a transformar homens regidos pela paixão em homens de caráter, em suma, cidadãos nacionais.” (MISKOLCI, 2012, p. 33).

Ao seguir esse gancho compreendemos a necessidade do controle da sexualidade em fins do século XIX e começo do século XX, já que para além também havia o medo dos “cidadãos de bem” em relação à recente soltura dos escravizados e de como isso iria intervir nas estruturas sociais. Assim,

Em fins do século XIX, o Estado brasileiro em sua forma republicana inicial encontrou na nação o eixo justificador que conectava os interesses da elite política e econômica ao progressivo controle das classes populares, mas – fato a ser melhor explorado – isto se deu não apenas pelas amplamente estudadas intervenções higienistas no espaço urbano, mas também de formas mais sutis de interferência e disciplinamento das relações íntimas, dentro do ideal de vida privada e doméstica, em especial na esfera das relações de gênero e sexualidade. (MISKOLCI, 2012, p. 43).

Então, apreende-se que para uma análise literária efetiva se faz necessário uma investigação sociológica para situar a obra em seu momento de produção, para que concomitantemente haja uma compreensão representacional integralizada do todo, isto é, articular os saberes de maneira que exista um diálogo coerente entre eles,

A incorporação da análise de obras literárias em um empreendimento sociológico se justifica, também, quando se trata de romances sociais, documentos relevantes sobre o período em que foram escritos. (MISKOLCI, 2012, p. 57).

Colocamos ainda que a linha tênue entre a literatura e a história ainda nos parece vigorosa e delicada, uma vez que a textualidade dos dois campos parte de um horizonte particular e reverbera na coletividade. Essa relação simbiótica não é recente, segundo Hutcheon “No século XIX, pelo menos antes do advento da “história científica” de Ranke, a literatura e a história eram consideradas como ramos da mesma árvore do saber” (HUTCHEON, 1991, p. 141).

---

<sup>6</sup> **Darwinismo social** é um nome moderno dado a várias teorias da sociedade, que surgiram no Reino Unido, América do Norte e Europa Ocidental, na década de 1870. Trata-se de uma tentativa de se aplicar o **darwinismo** nas sociedades humanas.

Por essa vinculação entre as áreas do saber literário e historiográfico e seu construto político, entendemos o romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo” como uma metaficção historiográfica como evidencia Hutcheon:

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo (HUTCHEON, 1991, p. 141).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa pesquisa, procuramos evidenciar os traços relacionais entre a literatura e a história, bem como suas contribuições para a construção de valores sociais vigentes. Há também de convir que o caráter representacional da literatura tem como marcador a ampliação das perspectivas acerca de determinado período histórico-social, visto que o trabalho com o imaginário acarreta uma amplitude de possibilidades, por vezes cerceadas pela linearidade dos registros documentais.

Portanto, ressaltamos o caráter didático-pedagógico dessa investigação para o entendimento da história do Brasil, especificamente do período finissecular de transição de regime político entre monarquia e república, através da documentação historiográfica proporcionada pelas publicações das edições do jornal *O Riso*, difusor do romance folhetim “As Aventuras do Rei Pausolo”. Ainda ressaltamos a importância do romance para uma análise ao mesmo tempo literária, social e historiográfica do final do século XIX e começo do século XX.

### **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Natanael Duarte de. *Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros*. 2015. 216 p. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB), João Pessoa, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BENJAMIN, Walter. "Teses sobre filosofia da história" in KOTHE, Flávio R. Walter Benjamin, Ática, São Paulo, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. ed 6. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRUMMACK, J. Zu Begriff und Theorie der Satire. Vierteljahrszeitschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte, *Stuttgart*, v. 45, p. 275-377, 1971.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HANSEN, J. A. *Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

HUTCHEON, Linda. *1947- Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cnz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. O Discurso Pornográfico. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial (Série Língua[gem], n.42) 2010.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. História da Ciência: objetos, métodos e problemas. *Ciência & Educação*. vol. 11, n. 2, 2005, pp. 305-317. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>. Acessado em 20 de dezembro de 2020.

MASETTI, Morgana. *Soluções de Palhaços: transformações na realidade hospitalar*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MENDES, Cleise Furtado. *Senhora Dona Bahia - Poesia Satírica de Gregório de Matos*. Salvador: EDUFBA, 1996

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação*: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012.

SCHILLER, F. ) *Poesia ingênua e sentimental*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a Sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60*. *Fragmentos*, volume 7 nº 2, p. 07/27 Florianópolis/ jan - jun /1998.

### **Fontes periódicas**

*Riso(O)*, Rio de Janeiro, 1911-1912.